R E Q U E R I M E N T O

Assunto: *Solicitando ao Prefeito informar a possibilidade de colocar o nome do Sr. Arnaldo Lucchiari em uma via, logradouro ou próprio público de nosso município.*

Requeiro à Mesa, na forma regimental e consultado o Plenário, oficie-se ao Exmo. Sr. Prefeito, para que através do setor competente da municipalidade, informe a possibilidade de colocar o nome do Sr. Arnaldo Lucchiari em uma via, logradouro ou próprio público de nosso município (biografia em anexo).

Sala das Sessões, assinado e datado eletronicamente.

ELAINE OLIVEIRA
Vereadora – PSD

ELAINE DE OLIVEIRA CANDIDO:20011895837 2022.08.03 21:14:43 -03'00'

Documento assinado eletronicamente pelo(s) autor(es), nos termos da Medida Provisória *nº* 2.200-*1, de 27 de julho de 2001, em conformidade com as regras da infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira (ICP-Brasil).*

"Garça era um lindo areião branco, bonito de se ver" - Arnaldo Lucchiari

Nascido em Mirassol em quatro de fevereiro de 1930, filho do marceneiro Nello Lucchiari e de Emilia Rodrigues Lucchiari, aos sete anos, Arnaldo Lucchiari chegou a Garça junto com os pais e os irmãos. Aportou em sua nova terra no dia 27 de julho de 1937.

As histórias são lembranças que povoam sua vida e que, no auge de seus 80 anos trouxeram a tona um pouco da trajetória da Sentinela do Planalto. Uma terra que era "um lindo areião branco", bonito de se ver, segundo suas palavras.

"Aqui na Praça Pedro de Toledo era um buraco de oito/nove metros onde eu brincava. Subíamos e descíamos por ele. Você não tem ideia quanto lixo foi jogado ali para que fosse aterrado.



Garcense de coração ele dizia que não tinha pressa em partir

Por isso a terra é fértil", fala Lucchiari. Morador à Rua Tiradentes, ainda hoje Arnaldo se refere a Nello como papai, e se recorda dos vários trabalhos que o mesmo realizou nas novas terras.

"Papai fez todo o madeiramento dos galpões da Estação, onde hoje funciona a Incubadora. Eu levava comida para ele, passava pela casa da onça (creche Maria Leonor). A cidade era limitada. Tinha o Zancopé, o Delfino Alves, o banco Comercial (hoje prédio do INSS) e o Hotel Moreira (hoje Grande Hotel). Vi essa cidade nascer. A vinda de JK Williams e Paulo Barros fizeram a diferença", fala ele lembrando os limites de Garça, do lado de cima.

Para Arnaldo a gestão do prefeito Rafael Paes de Barros foi o divisor de águas. A cidade, continuou, vai bem e pode ser dividida em duas épocas, antes e depois do senhor Rafael.

Foi em 1952, durante o governo de Rafael, que teve início o calçamento das ruas, começando na esquina da Pernambucanas. O buracão, que por muitos anos fez parte da realidade de Garça, segundo ele, começava em frente a Pernambucanas.

"Você não imagina o desnível da rua aqui na Prefeito Salviano, aqui onde funciona a Secretaria de Educação. Era enorme, coisa de metro", frisa ele.

Lucchiari coloca que a cidade era diferente e dividida. O Patrimônio de Baixo, era de Labieno da Costa Machado, um homem mais fechado que tinha em meio aos seus correligionários o senhor Salviano Pereira de Andrade – mais tarde seria prefeito. Já no Patrimônio de cima, segundo o jovem senhor, a mentalidade de Carlos Ferrari era outra, o que possibilitou que a cidade se desenvolvesse e crescesse mais deste lado. A cidade, frisa ele, cresceu aqui.

"O senhor Carlos Ferrari era um empreendedor, uma pessoa dinâmica".

Mas o menino que precisava ajudar financeiramente em casa, aos 10 anos teve que driblar uma lei que não permitia o trabalho infantil. Longe da escola, era preciso trabalhar. "Comecei como engraxate. Peguei uma caixa e fui engraxar sapatos e ajudar em casa. Levava 1.800 a dois mil réis para casa".

A lei mudou e permitiu o trabalho infantil a partir dos 12 anos, desde que autorizado pelos pais. É assim, aos 12 anos, foi trabalhar com Carlos Manchini. Ficou até 14 de agosto de 1944.

Na trajetória do emprego, que lhe permitiu aposentar em oito de outubro de 1977 aos 47 anos, com 33 anos de registro e um salário de Cr$ 8.873,80, (cruzeiros) ele passou pelas Casas Pernambucanas e pela Cia Central de Armazéns Gerais – um depósito calçeiro cuja matriz era em Santos.

"Era uma empresa da dona Brasília e do senhor Rafael para o Rafaelito. Uma filial de Santos que guardava mercadorias. Na Pernambucanas comecei varrendo o chão e saí gerente. Foi uma boa escola para sempre. Minha habilidade não era vender e sim fazer cálculos rápidos, o que acabava me rendendo mais clientes", confessa o ex-funcionário.

Pioneirismo na área da Educação

Morando há 73 anos em Garça não há como não ser protagonista de algumas histórias. Arnaldo que saiu da escola aos 10 anos, participou da luta pela vinda de um curso colegial para a escola Hilmar e da criação da Escola de Contabilidade do Cesarino. Recorda que para fazer o curso ginasial, que não tinha em Garça, era preciso ser aprovado numa espécie de vestibular.

"Minha mãe, que era uma pessoa extraordinária, me matriculou num curso em Marília e eu passei, mas as dificuldades financeiras não davam para fazer o curso. Eram sete cruzeiros de segunda a sexta-feira e às vezes aos sábados. Não deu. Precisava trabalhar e foi difícil terminar os estudos. Me formei em Técnico em Contabilidade. Quis fazer uma faculdade, mas não deu", fala ele, lembrando que estudou no Grupo Escolar – hoje prédio onde funciona o museu. Local onde também fez o Tiro de Guerra.

"Não tinha ginásio em Garça naquela época. Hoje, num raio de 50 quilômetros, tem todas as faculdades com todas as especialidades", fala ele.

Aos 22 anos Arnaldo casou-se com Enedina Garrido Lucchiari com quem teve três filhos. Uma relação dadivosa. Foram seis anos de namoro e 42 anos casados, até que em 27 de janeiro de 1994 a morte os separou.

Mas o homem que cresceu, vivenciado as missas aos domingos (se não fosse à missa não podia sair para outros lugares. Ir a missa aos domingos era "sagrado"), se diz um beneficiado na vida amorosa. Voltou a sorrir para o amor cerca de um ano depois. Aos 63 anos casou-se com Andrelina Dumont Franco. Os 20 anos de diferença na idade, não fizeram diferença na pacífica convivência, e os cinco filhos da atual esposa, passaram também a ser seus filhos.

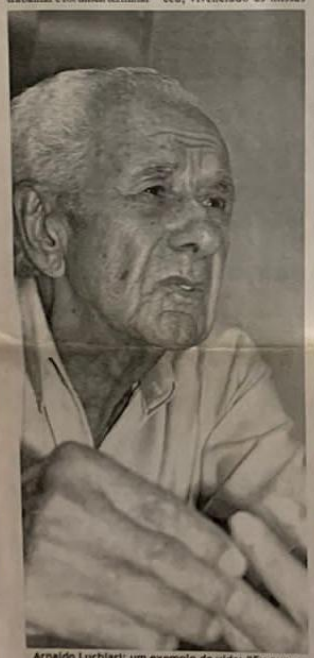
"Com minha primeira esposa foram quase 50 anos. Não se fica tanto tempo com alguém se não houver amor e respeito. Sou um felizardo. Estou há 15 anos casado com Andrelina e sou muito feliz".

E a cidade que Arnaldo viu nascer, via crescer. O pai, disse ele, colocou porta e janela em 80% das casas. A época áurea do café concedeu à cidade o título de maior produtora no mundo, e Arnaldo lembra que cerca de 80% dos produtores residiam em São Paulo. Isso também favoreceu o crescimento da cidade, segundo ele.

"Hoje mudou. As indústrias que chegaram estão segurando 'a moçada' em Garça. É bom ver que nossos jovens não precisam sair daqui para crescer como muitos fizeram".

O pai trabalhou até os 80 anos de idade e das muitas coisas deixadas por ele, morto há 11 anos aos 94 anos, está à lembrança das lágrimas caídas em seu ombro, quando soube do nascimento do primeiro bisneto – Carlos Arnaldo, em 31 de julho de 1972. Foi uma alegria em toda a família. O primeiro neto de Arnaldo. O primeiro bisneto de Nello. Lágrimas nos dois.

"Papai se debruçou em meu ombro e chorou quando fui lhe avisar, pela manhã, que meu neto havia nascido. Foi muita emoção".



Arnaldo Luchiari: um exemplo de vida: "Eu nunca perdi a oportunidade de ser útil a alguém"

"Nunca perca a oportunidade de ser útil a alguém"

Feliz. Este é o adjetivo com o qual Arnaldo se define. Um cidadão feliz que só tem a agradecer a Deus pelos pais que teve.

"Papai era só trabalho na vida. Não ganhou dinheiro, mas deixou berço e princípios. Acho que a gente vem para fazer algo. Sou católico, mas se acreditasse em voltar queria voltar na mesma casa. Eu nunca perdi a oportunidade de ser útil a alguém. Se não puder ser útil, saia de lado. Para fazer determinadas coisas não precisa ser rico. Basta querer".

Mas Garça não era só trabalho. As diversões ficavam por conta do cinema que tinha duas sessões – às 19 e às 21 horas – além das matinês aos sábados e domingos. Era lá também o lugar de muitos namoros. Circos e parques eram esporádicos e o jogo de sinuca acontecia numa mesa do tamanho de uma folha de jornal; o bilhar que era jogado na cidade de Vera Cruz.

"Aqui em Garça era preciso ter 18 anos para jogar bilhar e em Vera Cruz não. A gente pegava o trem e ia para lá, onde ficávamos jogando o dia todo. No cinema, Miguel Mônico era um baluarte neste particular. Lembro do cinema no barracão atrás do Rotary. Ele era metido a inventor. Um exemplo a ser seguido"

Com saudades lhe vêm à lembrança os anos de 1949 quando ainda fazia o Tiro de Guerra. O footing do passeio aos sábados era no quarteirão das Pernambucanas, Casa Carvalho (hoje 1,99), Cinema (CEF). Era o quadrado da paquera, época em que já namorava Enedina e passava pelo local para encontrar os amigos. Era o footing da época.

O que deseja a Garça?

"Temos família, filhos. Que Garça continue a progredir, dando melhores condições de que eles exerçam suas atividades na cidade. Quero que os governantes sejam felizes e trabalhem para essas condições. Vi muitos jovens saírem da cidade em busca de oportunidade. Agora é hora de ficar", finaliza ele, que no resto da tarde tinha por compromisso assistir ao jogo do Inter de Milão contra o Barcelona na disputa por uma vaga na final da Liga dos Campeões da Europa. (20 de abril 2010). O Jornal Comarca não perguntou para quem o garcense torcia, mas a Inter venceu a partida por 3 x 0.

Ele vai não sem antes afirmar que "embora tenha tido momentos tristes, como a morte do irmão de 15 anos em 1943 – fato que nunca esqueceu – os momentos de satisfação foram maiores. Sei que vou, mas não tenho pressa e vou ficando por aqui".



Arnaldo Luchiari viu Garça crescer. Aqui ele construiu histórias

